

UMA REFERÊNCIA ARREBATADORA DE AMOR E CURA: BELL HOOKS É PARA TODO MUNDO

Sabrina Natali Silva Bentes¹

hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

Essa resenha é uma homenagem à vida de bell hooks. Seu nome de batismo é Gloria Jean Walkins. Nascida no estado de Kentucky, nos Estados Unidos, passou a utilizar o pseudônimo de bell hooks em homenagem à sua bisavó; sua grafia, em letras minúsculas, objetivou romper com as convenções elitistas acadêmicas sobre o que seria um “grande nome”, justamente para dar enfoque às suas palavras e práticas. Ativista antirracista, professora e feminista, logo no prefácio de *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*, ela escreve:

Envolvida com teoria e prática feminista por mais de quarenta anos, tenho orgulho de dizer que, a cada ano da minha vida, meu comprometimento com o movimento feminista e com o desafio de mudar o patriarcado se intensificou. Mais do que nunca, trabalho para compartilhar a alegria libertadora que a luta feminista traz para nossa vida, de mulheres e de homens, que continuam a trabalhar por uma mudança, que continuam a esperar o fim do sexismo, da exploração sexista e da opressão. (hooks, 2019: 7)

Nesse sentido, essa obra buscou trazer as principais contribuições propostas pela autora.

A obra resenhada foi originalmente publicada em 2000 pela editora South end Press, nos Estados Unidos. Em 2015, a editora inglesa Routledge

¹Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal do Amapá. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Email: brinabentes2407@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9999846420644589>.

publicou a segunda edição. E, no ano de 2019, a editora brasileira Rosa dos Tempos publicou uma tradução, baseada na edição inglesa de 2015.

Nesse pequeno manual e manifesto, bell hooks enfatiza, em 19 capítulos, que o feminismo é para todo mundo. Ser acessível é um dos seus principais métodos para nos mostrar como o feminismo atravessou sua vida e como ele pode fazer parte dos mais diversos aspectos dela, estando presente na vida pública e privada.

Um dos pontos interessantes sobre a escrita de bell hooks é que ela aborda questões muito complexas de forma simples. Ela primeiramente nos acolhe de forma muito sutil e amorosa, para depois nos dar um choque de realidade. Sua escrita é feita para nos prender em um elo do qual não pretendemos nos soltar, e do qual não devemos mais nos desfazer.

Cada um dos 19 pequenos capítulos aborda um dos diferentes aspectos da vida da escritora. No primeiro, bell hooks faz uma abordagem sobre o ponto em que estamos na política feminista e na teoria feminista. Nele, bell traz uma abordagem muito pessoal, não somente nesse primeiro capítulo, mas no livro todo, sempre entrelaçando o feminismo e sua experiência, o que torna a leitura acessível.

Ainda no primeiro capítulo, a autora busca desmistificar a ideia que “[...] o feminismo é sempre e apenas uma questão de mulheres em busca de serem iguais aos homens” (hooks, 2019: 17). Assim, retornando ao início do movimento feminista e contando sua experiência, ela nos permite entender o meio pelo qual passamos a compreender o feminismo erroneamente como um movimento que objetiva nos igualar aos homens, e, da mesma forma, como isso precisa urgentemente ser modificado.

Além disso, a autora nunca deixa de relacionar o feminismo com a interseccionalidade. É primordial para a política feminista fazer o elo entre classe, raça e gênero. bell hooks, uma mulher negra, soube como ninguém que esse diálogo é importante para que o feminismo reformista não ofuscasse o feminismo radical/revolucionário. Sobre isso, ela denuncia:

O pensamento feminista reformista, focado primordialmente na igualdade em relação aos homens no mercado de trabalho, ofuscou as origens radicais do feminismo contemporâneo que pedia reforma e reestruturação geral da sociedade, para que nossa nação fosse fundamentalmente antissexista. A maioria das mulheres, em especial as mulheres brancas privilegiadas, deixou até mesmo de considerar noções do feminismo revolucionário, quando começou a alcançar poder econômico dentro da estrutura social existente. (hooks, 2019:21)

Na ânsia de conseguir igualdade diante dos homens, muitas mulheres se distanciaram do feminismo assim que conseguiram poder econômico. Elas, em sua maioria mulheres brancas, se esqueceram que muitas outras permaneceram à margem da sociedade, principalmente mulheres negras ou mulheres não-brancas. Com isso, bell critica durante toda a sua escrita sobre essa questão, afirmando que é bastante recorrente no movimento feminista.

Outro grande problema denunciado por bell é que, dentro dessa proposta reformista, as mesmas mulheres que antes estavam compartilhando ideias revolucionárias de mudança passaram a se posicionar, agora, em conluio com o patriarcado capitalista de supremacia branca. Desse modo, quando alcançam um poder econômico, acabam por explorar e subjugar outras mulheres da base da pirâmide social. Para a autora, esse fenômeno tem como causa a transformação do feminismo em um estilo de vida. Diz ela:

O feminismo como estilo de vida, introduziu a ideia de que poderia haver tantas versões de feminismo quantas fossem as mulheres existentes. De repente, a política começou a ser aos poucos removida do feminismo. E prevaleceu a hipótese de que não importa o posicionamento político de uma mulher, seja ela conservadora ou liberal, ela também pode encaixar o feminismo em seu estilo de vida. Obviamente, essa maneira de pensar fez o feminismo ser mais aceitável, porque seu pressuposto subjacente é que mulheres podem ser feministas sem fundamentalmente desafiar e mudar a si mesmas ou à cultura. (hooks, 2019: 23-24)

Sendo assim, um dos primeiros exercícios propostos e indicados por bell hooks para a construção de um movimento feminista que não esteja

associado ao imperialismo e ao patriarcado capitalista de supremacia branca é a desconstrução do seu próprio sexismo. É mudando a nós mesmas, pondo à prova seus próprios preconceitos enraizados, que poderemos começar a pensar em transformar a sociedade e levar a palavra do feminismo a todos, quanto mais for possível. bell chama esse processo de “conscientização”: “Sem confrontar o sexismo internalizado, mulheres que levantavam a bandeira feminista constantemente traíam a causa nas interações com outras mulheres” (hooks, 2019: 30).

É muito evidente a formação militante de bell hooks. É mesmo uma formação política de base marxista-comunista! Ela, inclusive, utiliza os mesmos pressupostos para a propagação da palavra do feminismo, como é o caso do trabalho de base, fazendo reuniões na comunidade, indo de porta em porta, ampliando essa voz para que chegue ao máximo de pessoas possível, mulheres e homens. Nesse sentido, para bell, os homens também necessitam aderir ao feminismo, passando pelo mesmo processo de conscientização e confronto com os seus próprios preconceitos sexistas. Logo, o feminismo é trabalho coletivo e tem que ser para todo mundo.

A definição de feminismo para a autora é bem ampla: “o feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão” (hooks, 2019: 17). De maneira bem interessante, essa definição, num primeiro momento, pode nos parecer simplista, mas, ao longo de seu livro, percebemos que isso acontece justamente pela sua escrita acessível, permitindo que a mensagem chegue ao maior número de pessoas possível, como o próprio título do seu livro, *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*, propõe.

Quando estudamos a sua obra mais a fundo, a definição de feminismo, feita por hooks, parece-nos caber muito melhor do que qualquer outra mais prolixa, principalmente por não desassociar o sexismo do racismo e do classismo. A interseccionalidade é a base conceitual na qual a autora

se assenta, portanto, em seus escritos, é impossível que suas análises histórico-sociais e políticas sejam feitas sem relacionar classe, raça e gênero.

É importante ressaltar que bell faz parte de uma rede de autoras que partilham de uma mesma esfera conceitual, tais como as ativistas, intelectuais e feministas afro-americanas Audre Lorde, Angela Davis, June Jordan, Lorraine Bethel, Pauli Murray, Toni Morrison, e as afro-brasileiras Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro e Conceição Evaristo. Elas compuseram uma geração de mulheres que contribuíram, e ainda contribuem, com a escrita da história dos feminismos, em especial os feminismos negros, utilizando como base em suas análises o conceito de interseccionalidade.

Outro ponto reivindicado por bell é sobre a sororidade: “A sororidade ainda é poderosa” (hooks, 2019: 33). Para a plena revolução feminista é necessário haver solidariedade política entre as mulheres, e, para que isso ocorra, o processo de conscientização é muito importante, principalmente para as mulheres que estão assentes nos privilégios de classe e raça. Dessa forma, a educação feminista para uma consciência crítica deve ser um trabalho contínuo.

bell realiza uma forte crítica à manutenção da supremacia branca, da dominação realizada por outras mulheres que transformaram o feminismo em um estilo de vida, e ela é categórica: “Enquanto mulheres usarem poder de classe e de raça para dominar outras mulheres, a sororidade feminista não poderá existir por completo” (hooks, 2019: 36). Ou seja, de acordo com a autora, para que a sororidade possa ser, de fato, poderosa, é preciso continuar fazendo essa conexão entre raça, gênero e classe.

Uma denúncia importante feita por bell é que a teoria feminista ainda seria muito restrita ao círculo acadêmico e, entendendo que o academicismo proveniente atrapalha o processo de organização de base do feminismo, ela propõe que outros canais de comunicação do feminismo sejam criados para que a teoria não se torne um objeto controlado pela

academia. O acesso à prática e ao pensamento feminista deve ser, desse modo, democrático e democratizado.

bell sempre faz um retorno – para que não esqueçamos – à sua crítica ao feminismo classista, o mesmo que instaura o feminismo reformista em conformação com o imperialismo e o patriarcado capitalista de supremacia branca. Ela elenca, em três capítulos, algumas situações a esse respeito que se interligam: a ideia de que mulheres que trabalham e, por isso, adquirem poder econômico e de classe – geralmente brancas e ocidentais –, acabam por relegar o feminismo revolucionário, entendendo que são “salvadoras” de outras mulheres, estas majoritariamente negras e do “terceiro mundo”.

Na questão de classe, bell hooks afirma que o trabalho teria que ser problematizado: trabalhar fora de casa não era um “problema” de todas as mulheres, mas um problema restrito a um pequeno grupo delas, a maioria brancas. O salário, ou o trabalho, escreveu bell, não as libertaria (hooks, 2019: 67). Ver mulheres ganhando um bom salário ou enriquecendo não significa uma real conquista para todas as mulheres, nem transforma a vida de mulheres pobres da classe trabalhadora. Esse tipo de episódio só reafirma como o patriarcado capitalista de supremacia branca se apropria das pautas e as esvazia de sentido político; por isso,

inserir classe na pauta feminista abriu um espaço em que interseções entre classe e raça ficassem aparentes. Dentro do sistema social de raça, sexo e classe institucionalizados, mulheres negras estavam claramente na base da pirâmide econômica. (hooks, 2019: 69)

A outra questão, tão problemática quanto essa, diz respeito a um paternalismo colonial por parte das mulheres ocidentais em relação às outras mulheres, normalmente as não-brancas do terceiro mundo, muitas vezes pobres. “Mulheres ocidentais adquiriram poder de classe e maior desigualdade de gênero, porque um patriarcado de supremacia branca global escraviza e/ou subordina multidões de mulheres do terceiro mundo” (hooks, 2019: 73). E isso não se dá somente na esfera do trabalho, mas nas

mentalidades: essas mulheres interceptaram as ideias do feminismo e se apoderaram dele como verdadeiras mentoras, proprietárias do movimento.

A partir disso, bell faz uma dura crítica a um feminismo em conluio com o neocolonialismo. O feminismo, além de precisar ser interseccional, precisa também ser descolonial, decolonial, anticolonial e anti-imperialista: “o feminismo não pode ser apropriado pelo capitalismo transnacional como mais um produto luxuoso do ocidente que mulheres em outras culturas devem lutar para ter o direito de consumir” (hooks, 2019: 79).

Além da intersecção com a questão de classe, visando a resolução de problemas, a relação com a categoria raça é uma das mais importantes para a construção de uma frente feminista não reformista. “Nenhuma intervenção mudou mais a cara do feminismo do que a exigência de que pensadoras feministas reconheçam a realidade de raça e racismo” (hooks., 2019: 89). A categoria de raça, nesse elo, contribuiu para a desestabilização de um feminismo reformista e ocidental, interceptado por mulheres com poder de classe.

Assim, a partir da reflexão com a noção de raça, novas formas alternativas de organização e vivências de mulheres contra o imperialismo, neocolonialismo, e contra a colonialidade puderam ser observadas, o que contribuiu para o crescimento e fortalecimento de um feminismo global. Logo, o feminismo precisa ser, em sua base, antirracista.

Em alguns capítulos específicos, bell hooks faz uma discussão proveitosa sobre questões mais íntimas, como a sexualidade – heterossexualidades, lesbianidade, monogamia –, casamento, espiritualidade, paternagem e maternagem feminista, beleza e masculinidade feminista; temas que o feminismo atravessa, ou deveria atravessar, para que o processo de conscientização seja pleno, pois ele começa em nós mesmos. Cada um deles tem em comum o fato de serem construídos através de práticas educacionais.

As práticas educacionais também são pilares do pensamento de bell hooks (hooks, 2017). Ela, em *Ensinando a transgredir*, um pequeno manual, e na maioria dos seus livros, faz essa interrelação com a educação. Uma de suas pautas mais importantes é a prática de uma educação transgressora através do feminismo. Somente através de uma educação revolucionária feminista é que a violência – em todas as suas formas –, o sexismo, a opressão e o patriarcado capitalista de supremacia branca serão destituídos e uma nova sociedade poderá surgir. A autora propõe, para além da base educacional, como uma ferramenta de transformação social – imensamente influenciada por Paulo Freire –, realizar isso através do feminismo, mas de um feminismo comprometido com a luta antirracista, tendo em vista que o racismo é a instituição da desigualdade, inclusive de acesso à própria educação. Dessa maneira, deveriam ser criadas, fomentadas e mantidas práticas educacionais feministas, aliadas ao antirracismo, para o desenvolvimento de uma sociedade antirracista, anti-imperialista, anticapitalista, etc.

Nesse sentido, nos instruir com as obras de bell hooks é um alento, principalmente em tempos de obscuridade, quando os números de violência racista e de gênero estão crescendo cada vez mais, incentivada por discursos e práticas autoritárias daqueles que deveriam promover políticas de desenvolvimento educacional, de equidade de gênero e reparação histórica. Ler bell hooks nos dá a esperança necessária para que permaneçamos de pé, almejando, propondo e pensando um novo tipo de sociedade, primordialmente pautada pelo respeito à pluralidade.

Por fim, bell é a personificação de um feminismo visionário, acolhedor e crítico e, para que o movimento se expanda ainda mais, é necessário que todos sejam convocados a participar desse trabalho de base, cuja ferramenta primordial é a prática educativa. bell nos apresenta as mais diversas alternativas, seja ouvindo as mulheres que vieram antes de nós, seja

batendo de porta em porta, seja falando com nossos familiares, na nossa rua ou com a nossa comunidade.

O objetivo é ampliar a prática de um feminismo comprometido com tudo o que vá contra o modelo capitalista e imperialista, e, para isso, precisamos nos formar politicamente a fim de sermos a ponte e as potencializadoras dessa voz. O feminismo precisa ser para todo o mundo; só assim a subordinação, a colonização e a desumanização deixarão de ser a norma e a lógica em funcionamento. Que as palavras de bell hooks continuem ressoando!

REFERÊNCIAS

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.